

[Amigas e Amigos]

Em primeiro lugar, quero registrar a minha profunda gratidão a todos os responsáveis por esta significativa homenagem. É, para mim, uma grande honra juntar-me aos ilustres colegas deste câmpus que me precederam no recebimento de igual honraria: o saudoso Prof. Dr. E. Arnold Von Buggenhagen, que empresta o nome a este auditório, a Profa. Dra. Hermione E. M de Campos Bicudo e o Prof. Dr. Luiz Dino Vizotto.

Em ocasiões como esta, é normal que o homenageado faça alguma reflexão. Entretanto, tive por bem substituí-la por uma breve narrativa, que sempre me leva a refletir. Por várias vezes fiz este relato a pessoas amigas. No final, sempre me perguntavam: Por que não escreve isso? Sem muitos detalhes, e até de forma um tanto fragmentada, contarei parte da história de minha família, para explicar como vim parar em São José do Rio Preto, na antiga FAFI e na UNESP, onde passei mais da metade da vida.

Disse o nosso poeta Ronald de Carvalho:

“Olha a vida primeiro longamente, enternecidamente
como quem a quer adivinhar,
olha a vida rindo ou chorando, frente a frente,
deixa depois o coração falar”.

Os que me conhecem sabem que nasci em Jaú, na região central de nosso Estado, filho de um casal de armênios, Leon e Huripsime Daghlian, sobreviventes do massacre que os turcos impetraram aos armênios à época da Primeira Grande Guerra, por volta de 1915, quando mais de um milhão de armênios perderam a vida.

Meus avós paternos, com duas filhas moças, dois filhos pré-adolescentes e o filho caçula, que tinha um ano e meio, foram repentinamente arrancados de suas propriedades e conduzidos por soldados turcos, juntamente com milhares de armênios, nus e indefesos, ao deserto de Deir-Ez-Zor, situado em território sírio. O menino caçula foi colocado nas costas do pré-adolescente mais velho, que tinha treze anos. De meus avós, não tivemos mais notícias e, de meu avô, não temos sequer uma foto. De suas filhas, alguns sobreviventes que conseguiram fugir do deserto informaram que as viram sendo mortas a machadadas e lançadas nas águas do Rio Eufrates. O filho caçula, chorando desesperadamente e pedindo água e comida, que ninguém podia lhe dar, acabou sendo abandonado no deserto, onde teve

a sorte de quase todos os deportados que ali morreram. Os dois pré-adolescentes, tio Benjamin e tio Loutfy, exaustos, foram recolhidos por beduínos curdos que viviam às margens do Eufrates.

O irmão mais velho da mãe de meu pai, tio Moisés, foi poupado porque então os turcos precisavam dele. Ele era farmacêutico e exercia as funções de médico da cidade e atendia, com a mesma dedicação, turcos e armênios. Tio Moisés conseguiu esconder meu pai dentro de casa por uns três anos. Nesse período meu pai só teve contato com a família imediata dentro de casa. Sempre que chegava alguém de fora, ele seguia as instruções do tio e se escondia no sótão ou no porão. Mas, certo dia, na hora do almoço, tio Moisés recebeu a visita de um policial turco, que gostava dele porque, na farmácia, ele cuidava com muita atenção de sua família, especialmente dos filhos pequenos. Então, dando prova de que em um Estado assassino ainda pode haver algum cidadão digno, o policial lhe disse: “Sr. Moisés, se eu fosse o senhor, fugiria desta cidade o quanto antes, porque amanhã os soldados virão buscar o senhor e a sua família, para deportá-los”. No final da tarde desse mesmo dia, quando começava a escurecer, a carroça com a mudança e os membros da família já estava a caminho da fronteira com a Síria, a uns sessenta quilômetros dali, onde chegaram no dia seguinte. Seguiram para a cidade de Aleppo, onde muitos armênios, incluindo a família de minha mãe, já se encontravam e onde tio Moisés e a família ficaram por algum tempo. Mas meu pai foi enviado a Beirute, para ser educado em um orfanato inglês.

Os dois irmãos de meu pai, que haviam sido levados pelos beduínos curdos, foram por eles adotados como filhos e, por uns anos, moraram em suas tendas e com eles trabalharam na terra. Os curdos tinham até arranjado casamento para os dois, mas eles só pensavam em reencontrar os parentes. Assim, certa noite, quando todos dormiam, eles deixaram a tenda e se colocaram no Rio Eufrates, cada um em um barquinho de pele de cabrito, que tinham feito às escondidas. Levados pela correnteza rio abaixo, foram parar em Bagdá. Da passagem por Bagdá, ficou-lhes a lembrança de terem visto Lawrence das Arábias, o notável oficial inglês que percorria países da Ásia na tentativa de libertar os árabes do jugo turco-otomano e que se tornou uma figura legendária da História e do Cinema. Quando passavam por uma praça, viram Lawrence cercado por uma multidão; ele

carregava uma vara com um espelho retrovisor na ponta, para não ser surpreendido pelas costas, já que por muitos era considerado espião do Império Britânico.

Finalmente, os dois conseguiram chegar em Beirute, onde esperavam ter notícias dos armênios sobreviventes e, talvez, da própria família. Aos sábados, os meninos do orfanato tinham permissão para passear pela cidade. Foi numa dessas folgas que meu pai teve a surpresa de reencontrar os dois irmãos que, como ele, andavam pelas ruas de Beirute. Depois disso, todos os sobreviventes da família se reuniram e se organizaram para vir ao novo mundo.

Em 1920, tio Moisés, a mãe, a esposa e o primeiro filho, ainda pequeno, acompanhados de tio Benjamin, dos sobreviventes, o irmão mais velho do meu pai, emigraram para os Estados Unidos e se estabeleceram na Califórnia.

A outra parte da família, comandada pelo segundo tio de meu pai, tio Jacó, com duas irmãs, as tias Anita e Maria, que ocuparam o lugar de minha avó paterna, a esposa, tia Rosa, um filho e duas filhas, acompanhados do segundo irmão de meu pai, tio Loutfy, e meu pai, depois de esperarem por uma oportunidade, que não surgiu, para se juntarem aos que já estavam nos Estados Unidos, acabaram vindo ao Brasil em 1926. A filha mais nova de tio Jacob, Hermínia, de saudosa memória, deixou o filho Roberto Sérgio, pai de dois filhos, engenheiro civil em Jaú; Dulce, a mais velha, reside em Brasília com a família do único filho, Raul, nascido em Rio Preto, pai de duas filhas e Professor Titular de Geociências na UnB.

Uma vez na cidade de São Paulo, por algum tempo, meu pai trabalhou como sapateiro, na região da rua 25 de Março, o irmão dele trabalhou como carpinteiro na construção do Edifício Martinelli, o primeiro arranha-céu da capital, e o tio e as tias, no comércio. Foram tempos difíceis. Todos moravam na Penha e, para economizar duzentos reis cada um, a tarifa do bonde na época, iam e voltavam do trabalho a pé. Depois, meu pai e o irmão foram mascatear no interior nas regiões de São Carlos, Descalvado e Ribeirão Preto, até se estabelecerem como comerciantes de armarinhos e miudezas na cidade de Jaú, tendo então o tio, as tias e os primos se juntado a eles.

Depois de namorar minha mãe por correspondência, por dois anos, ela veio ao Brasil, para se casar com meu pai em 1934. Meus avós maternos e o único irmão de minha mãe, tio Gregório, vieram de Alepo ao Brasil em 1949. Então a última parte da família que

havia ficado para trás veio unir-se a nós. Aprendi muito com meus avós maternos, assim como tinha aprendido com os tios-avós paternos, que muito nos amaram. Tio Gregório, hoje com 81 anos, comerciante aposentado, passou alguns anos em Vitória, ES, onde se casou com uma simpática capixaba, e por fim se estabeleceu em Ferraz de Vasconcelos, na grande São Paulo, onde tiveram duas filhas encantadoras, uma neta e três netos (...).

O segundo irmão de meu pai, tio Loutfy, casou-se com tia Leone, que residia aqui perto, em Olímpia, e mudou-se para São Paulo, onde foi bem sucedido como industrial. Tiveram um filho, músico, William, que reside em Nova York, e uma filha, Daisy, que mora em São Paulo e tem dois filhos, uma filha e três netos. Como podem ver, nossa família é pequena. As novas gerações ainda não conseguiram suplantar as primeiras.

Meu pai parou de trabalhar aos oitenta e cinco, quando vendeu a loja, depois de trabalhar 62 anos no comércio. Pouco antes, foi homenageado pela Câmara Municipal de Jaú como o comerciante mais antigo da cidade. Devo ressaltar que ele sempre foi o mais barateiro da praça. Desculpem o comercial atrasado! Na minha adolescência, eu o ajudava na loja atendendo os fregueses. Costumo dizer que o balcão também foi uma escola; aí conheci muita gente e muitos personagens de romance.

Meu pai morreu lúcido há dez anos com a idade que minha mãe tem hoje (93), dez dias antes de completarem 65 anos de casados. Minha mãe deu aula particular de várias matérias, principalmente matemática. Preparou muitos meninos e meninas, incluindo os próprios filhos, para o exame de admissão ao ginásio, do qual muitos de nós nos lembramos, e preparou muitos jovens para concursos de vários tipos, além de acompanhar, com aulas de reforço, muitos alunos do segundo grau que tinham dificuldade com alguma matéria. Com frequência, ela recebia a visita desses ex-alunos, já como pessoas realizadas e profissionais bem-sucedidos. Lecionou por muitos anos até atingir a idade que tenho hoje e parou por insistência nossa. Ela foi um exemplo vivo da hoje tão falada inteligência emocional. Ela tinha o dom de inculcar auto-confiança em seus alunos, que acabavam por superar as dificuldades. Também por muitos anos, ela exerceu várias atividades na Igreja Presbiteriana de Jaú, onde dirigiu estudos bíblicos para turmas de várias faixas etárias, presidiu a Sociedade de Senhoras e coordenou várias obras sociais até mesmo depois dos oitenta.

Um episódio que muito nos emocionou ocorreu no dia em que meus pais completaram bodas de ouro. Assim que o comércio cerrou as portas ao cair da tarde, todos os vizinhos do quarteirão, dos dois lados da rua, foram juntos cumprimentá-los.

Meus pais naturalizaram-se brasileiros com idade um tanto avançada, embora já fossem brasileiros de fato muito antes. As dificuldades burocráticas impediram que se naturalizassem antes. Eles sempre ficavam tristes quando ouviam falar mal do Brasil, este país que os acolheu de braços abertos e onde construíram nossa família. Criaram quatro filhos, dois dos quais, infelizmente, já se foram. Ficamos eu e minha irmã caçula, Celi, professora de ciências, que, para minha grande alegria, aqui está. Jacob, meu irmão mais velho, era professor de matemática. Além da esposa, deixou dois filhos e duas noras, duas netas e um neto. Luiz, meu irmão mais novo, morreu ainda na ativa como engenheiro mecânico na *General Motors* de São Caetano, onde trabalhou por quase trinta anos.

Meu pai e seus dois irmãos só se reencontraram de novo trinta e seis anos depois, em 1956, quando o irmão americano, já aposentado, veio ao Brasil com a mulher e a única filha, para nos visitar. E os três voltaram cinco anos depois, em 1961, desta vez acompanhados do genro, para assistirem ao casamento de meu irmão mais velho. Minha prima e o marido foram padrinhos dele. Nessa ocasião, convidaram-me para passar algum tempo com eles em Los Angeles e fazer algum curso por lá. Assim, depois de cursar Letras Anglo-Germânicas na USP, de 1959 a 1962, período em que também trabalhei como calculista de benefício no IAPI, um dos institutos de aposentadoria absorvidos pelo INPS quando da unificação, fui para Los Angeles em meados de 1963, onde fiquei dois anos e meio. Concluí o mestrado em 1965 na Pepperdine University, onde também inaugurei, como professor, a disciplina de língua portuguesa, que lecionei no último semestre de minha permanência. Todo esse tempo morei com meus tios e fiz várias viagens com eles, para o norte e para o sul da Califórnia. Tio Benjamin faleceu de repente na noite do dia 24 de abril de 1965, um sábado, justamente no dia em que a numerosa comunidade armênia de Los Angeles, como as de todo o mundo, lembrava o genocídio ocorrido havia cinquenta anos. Nesse dia, eu e minha tia não ligamos o rádio nem a televisão, porque ele se mostrava muito tenso. Com certeza, ele se lembrava do irmão caçula que teve de abandonar no deserto. É claro que ele não teve culpa e, se tentasse ajudar o irmão, o que não tinha como fazer, teria morrido ali também. Mas, como podem imaginar, não é fácil para um ser

humano sensível conviver com uma lembrança dessas. Minha tia me contou que muitas vezes ele acordava à noite chamando pelo irmão. Na manhã do domingo, dia 25, levantei-me e fui até a cozinha, onde minha tia preparava o café. Estranhei a ausência do meu tio, ele que era sempre o primeiro a se levantar. Minha tia pediu que eu o chamasse, mas eu disse que o deixasse dormir mais um pouco, já que sempre se levantava cedo. Quando, por insistência dela, fui chamá-lo, ele estava gelado e com o semblante sereno. Minha tia, já preocupada, também foi ao quarto e, quando percebeu que ele estava morto, já chorando, ela me disse: “ele encontrou o irmão”.

Quando penso no que meus pais, a exemplo de muitos patrícios que foram forçados a deixar a pátria, construíram nos lugares onde chegaram, me vem à mente uma citação que o poeta americano de origem armênia. Peter Balakian, sobrinho de Ana e Nora Balakian, renomadas intelectuais armeno-americanas, faz em seu livro de memórias *Cão negro do destino*. Ele cita as seguintes palavras do escritor armênio Gostan Zarian: “Talvez nossa função seja iluminar algum canto escuro do universo. A própria escuridão está em movimento. Ao amanhecer o sol contempla rostos cinzentos. Por enquanto, todos ainda estão vivos”.

(Abro parênteses para lembrar que, nas últimas semanas, a imprensa internacional e a brasileira têm noticiado a assinatura de um protocolo visando à abertura da fronteira entre a Armênia e a Turquia, que esta havia fechado unilateralmente em 1993. A abertura de tal fronteira é muito importante para a Armênia, um país sem mar, mas a Turquia, que vem lutando para entrar na União Europeia, tem todo interesse nisso, pois nenhum membro da UE pode ter fronteira fechada com algum vizinho. Entretanto, a Turquia vem impondo condições que insinuam uma revisão da História, como se os turcos não tivessem praticado o genocídio. Só para citar duas fontes, o historiador inglês Arnold Toynbee, considerado um dos maiores do século XX, se não de todos os tempos, escreveu um livro muito bem documentado sobre a questão armênia e Robert Fisk, considerado o maior repórter de guerra do século XX, dedica ao assunto umas cinquenta páginas de seu livro fartamente documentado. Os dois escritores não deixam dúvidas quanto ao ocorrido. E há trabalhos sérios que mostram como Hitler se inspirou na experiência turca, para perpetrar o holocausto aos judeus, o que o atual líder iraniano pretende negar. O General Eisenhower, quando ocupou a Alemanha no final da guerra, parecia adivinhar o que podia acontecer. Ele

exortava os repórteres que acompanhavam suas tropas para que fotografassem tudo, para que não se dissesse depois que nada daquilo tinha acontecido.)

Em Los Angeles, tio Benjamin e tia Asnive trataram-me como filho e meus primos, Rosemarie e Gene, como irmão. Ocupei a suíte da casa que tinha sido da minha prima. Além de me pagarem todas as despesas, desde a viagem de ida e volta e as taxas escolares, ainda me davam uma boa mesada, da qual pude até economizar um pouco. Como podem imaginar, nem a FAPESP dá uma bolsa dessas. Embora estivesse isento de qualquer prestação de contas, acho que as cartas que escrevi nesse período dariam um relatório trienal. Quando os colegas da universidade me perguntavam se eu trabalhava, eu respondia que ajudava meu tio. E se ainda perguntassem o que meu tio fazia, eu tinha de informar que ele era aposentado. Assim fui, precocemente, aprendiz de aposentado. Eu tinha tudo para ficar por lá e os parentes e amigos estranhavam por que eu queria voltar. Eu lhes dizia que gostava de lá, como de fato gostava, mas que tinha ido com a intenção de voltar e ia voltar. É claro que a saudade da família e dos amigos pesou muito na minha decisão.

Em 1966, ano em que voltei, lecionei inglês em duas escolas secundárias de São Paulo, uma estadual na Vila Carrão, de difícil acesso, quando ainda não havia a Radial Leste, e uma particular no Cambuci, pensando apenas em fazer o concurso para professor secundário de inglês e português. Ter voltado dos Estados Unidos com o mestrado foi um grande trunfo, pois, no Brasil, os cursos de mestrado começaram a ser implantados em 1965. Sabedor do meu regresso, o Prof. João Fonseca, autor do famoso *Spoken English*, o livro didático de inglês mais adotado nas escolas brasileiras dos anos 50 aos 70 e que tinha sido meu professor na USP, me avisou que havia a possibilidade de uma vaga para mim em Rio Preto, pois a Profa. Eloah Giacomelli, que lecionava Literatura Americana aqui, iria se afastar. A Profa. Eloah então me procurou em São Paulo, para confirmar o meu interesse. Depois encontrei-me com o então secretário da FAFI, Mauro Fernandes, que me passou as instruções necessárias e me colocou em contato com o Prof. Buggenhagen, que ficara como responsável pela Cadeira de Literatura Norte-Americana, como era chamada a disciplina. Meu primeiro contato com a FAFI foi por telefone, quando falei com o Prof. Alfredo L. Coelho de Carvalho, hoje um grande amigo, que se mostrou muito receptivo. Como não havia concurso então, o ingresso se dava por indicação. Assim, os saudosos professores

João Fonseca, Paulo Vizioli e Kera Stevens, dos quais eu tinha sido aluno na USP, assinaram a carta de recomendação.

Eu me interessei primeiro por causa do emprego e depois porque já conhecia Rio Preto, onde ainda tinha alguns parentes. Havia estado aqui pela primeira vez em 1946 quando tinha oito anos. Vim então para o casamento da professora e escritora Dinorah do Valle. O marido dela era irmão do marido de uma prima do meu pai. Lembro-me muito bem que saímos de Jaú às sete da manhã, num trem elétrico da Companhia Paulista, fizemos baldeação em Itirapina, onde tomamos um trem puxado por locomotiva movida a diesel, que, em Araraquara, foi substituída por uma maria-fumaça. Chegamos em Rio Preto às seis da tarde. Hoje vou da porta de minha casa à porta da casa de minha mãe em Jaú em pouco mais de duas horas.

Eu e o Professor Antonio Manoel começamos a trabalhar aqui no mesmo dia, os dois em tempo parcial, o que nos levou a dar aulas também em outras escolas por mais de um ano, depois do que ingressamos no RDIDP, regime em que trabalhamos até a aposentadoria. No outro dia, falando desse tempo em que dávamos aula nos três períodos e ainda concluímos o doutorado antes do prazo, reconhecemos que hoje a gente se cansa só de pensar no que então fazíamos.

O fato de pertencer aos quadros da UNESP levou-me a ser um dos fundadores da Associação Brasileira de Professores Universitários de Inglês em 1970 e seu presidente de 1976 a 2004. Nesse tempo todo tive o privilégio de manter contato com colegas da área de inglês de todo o Brasil, e alguns do exterior, e de fazer muitos amigos. Indiretamente, tal atividade me deu a oportunidade de visitar a Armênia em junho de 2000, onde fui participar de um congresso sobre Shakespeare, na Universidade Estatal, da capital Erevan, com o auxílio da FUNDUNESP.

Acho que deu para perceber que, ainda que ligeiramente, algumas questões de identidade foram tocadas. A data de hoje, “Dia da consciência negra”, me faz lembrar de que, há alguns anos, participei de um grupo que desenvolveu um projeto de atividades e pesquisa sobre “Os negros: Criação e representação literárias”. E não é por acaso que, nos últimos anos de atuação em nosso programa de pós-graduação, atuei na linha de pesquisa “poéticas da identidade”. Todo filho de imigrantes, de uma forma ou de outra, encontra-se

numa encruzilhada. Se por um lado, enfrenta problemas, por outro sua experiência de vida torna-se enriquecedora.

O grande sociólogo Gilberto Freire dizia que a mesa é o último reduto da identidade nacional. Se assim for, vejo-me bem afinado com as duas identidades, pois gosto da culinária armênia, quase igual à árabe, mas não fico sem o nosso feijão com arroz. Sempre gostei mais de guaraná do que de coca-cola. No início de fevereiro de 1966, desembarquei em Santos, voltando dos Estados Unidos, onde, como disse, havia ficado dois anos e meio. Passei todo esse tempo sem tomar guaraná. Então, nas horas de uma tarde muito quente em que aguardava a liberação de minha bagagem de meia tonelada no porto de Santos, tomei dezoito garrafas de guaraná, um porre de guaraná, quando nem se pensava em guaraná diet.

Espero ter mostrado também que logo cedo aprendi a valorizar a vida, a família e a amizade, valores que me sustentam até hoje. Sempre contei com o amor de meus pais e de toda a minha família e, de quase trinta anos para cá, contei também com o carinho e o amor de meus queridos e saudosos sogro e sogra, Sr. José e D. Elilia, de Sueli, a filha querida que me adotou como pai, de Elza, minha querida esposa, com quem sempre pude contar, e com a amizade de boa parte de sua numerosa família, muito bem representada por alguns de seus membros que aqui estão.

Os que creem, como eu creio, admitirão que fui favorecido pela misericórdia divina. Os que não creem poderão dizer, também com toda a razão, que tive muita sorte na vida. Seja como for, só tenho a agradecer pelas cidades onde morei, pelos lugares onde trabalhei, principalmente nesta unidade da UNESP, pela família em que Deus me colocou, e pelos amigos que me deu, representados por vocês que aqui estão, que contribuíram para dar sentido a minha vida, para eu ter a certeza de que valeu a pena ter vivido.

Há momentos em que a vida da gente se parece com uma sucessão de naufrágios. Nessas horas, “o olhar do outro”, como dizemos hoje, ou o que os amigos pensam que a gente é, pode tornar-se tão importante quanto o que a gente pensa que é. Então eu me lembro dos entes queridos que já se foram ou dos que estão por perto, o que me faz lembrar do que disse, em uma de suas cartas, a poeta norte-americana Emily Dickinson:

O único Céu que consigo vislumbrar é um amplo céu azul, mais amplo que o maior que já vi em junho – e ali estão os meus amigos – todos eles – cada um deles – os que

agora estão comigo e os que foram “escolhidos” enquanto caminhávamos e se apoderaram do Céu.

Muito obrigado